TORNAR-SE PSICÓLOGO: FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE UM MODO DE SER

Nathaly Krajuskinas Genov Rodrigues, Silvia Roberta Vasconcellos de Sousa

Centro Universitário UFBRA, Avenida Doutor Nelson D'Avila, 1201, Centro, 12245-031, São José dos Campos - SP, Brasil, nathalygenov@gmail.com, silvia.sousa@aprimorar.com.br.

Resumo

Tornar-se psicólogo não se reduz à conclusão da graduação ou ao domínio de teorias e técnicas, mas envolve um processo contínuo de construção identitária, ética e existencial. Este estudo objetiva refletir sobre esse processo, articulando formação profissional e contribuições da perspectiva fenomenológico-existencial. Trata-se de revisão narrativa, qualitativa e teórico-reflexiva, composta por produções sobre identidade profissional, estágio, supervisão, experiência e formação do psicólogo. A análise identificou quatro eixos: construção da identidade profissional; experiência como dimensão formativa; supervisão, alteridade e ética; e caráter permanente da formação. Os resultados indicam que o conhecimento se torna efetivamente formativo quando apropriado na experiência e interrogado diante da singularidade do outro. Conclui-se que tornar-se psicólogo implica rigor teórico, reflexão sobre a prática, abertura à alteridade e disposição para permanecer em aprendizagem ao longo da trajetória profissional.
Palavras-chave: Formação em Psicologia. Identidade profissional. Fenomenologia-existencial. Experiência. Supervisão.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Psicologia.

Introdução

Há um percurso institucional relativamente delimitado para formar-se em Psicologia: ingressar na graduação, cursar disciplinas, realizar atividades práticas e estágios, cumprir as exigências acadêmicas e, ao final, obter a habilitação necessária ao exercício profissional. Esse percurso é indispensável, mas não responde inteiramente a uma questão anterior e mais complexa: em que momento alguém efetivamente se torna psicólogo? A pergunta introduz uma distinção importante entre concluir uma formação acadêmica e apropriar-se, ética e existencialmente, de uma profissão.

A Psicologia constitui um campo epistemologicamente plural, atravessado por diferentes matrizes teóricas, concepções de sujeito, métodos e possibilidades de atuação. De Luiz e Sousa (2022) observam que essa pluralidade exige uma formação capaz de articular diferentes conhecimentos às demandas concretas da prática, sem reduzir a formação generalista à justaposição de teorias. Ao mesmo tempo, a identidade profissional não se estabelece de forma pronta ao final do curso. Nieswald et al. (2022) a compreendem como construção dinâmica, produzida na relação entre subjetividade, contexto, trajetória biográfica e experiências de trabalho. Assim, a formação envolve não apenas aquilo que o estudante aprende, mas também aquilo que acontece com ele enquanto aprende.

Na perspectiva fenomenológico-existencial, essa questão ganha especial densidade. May (2000) compreende a existência humana como processo, possibilidade e contínuo vir-a-ser. Roso (2024), ao refletir sobre o tornar-se psi, também recusa a ideia de um profissional definitivamente pronto e destaca a escuta, a alteridade e o cuidado de si como dimensões de uma formação que permanece aberta. Nessa direção, o presente estudo objetiva refletir sobre o processo de tornar-se psicólogo, compreendendo-o como construção identitária, experiencial, ética e existencial, e sustentando que a formação profissional se realiza na articulação entre teoria, experiência, reflexão e encontro com o outro.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter teórico-reflexivo, voltada à compreensão do processo de tornar-se psicólogo. A busca das produções contemporâneas foi realizada entre junho e julho de 2026 nas bases SciELO, PubMed e em repositórios acadêmicos de acesso aberto, utilizando combinações entre dois ou mais dos seguintes

descritores: ‘formação em Psicologia’, ‘formação do psicólogo’, ‘identidade profissional’, ‘estágio em Psicologia’, ‘supervisão’ e ‘fenomenologia-existencial’, de acordo com a pertinência temática de cada cruzamento. Foram incluídas produções em língua portuguesa, publicadas entre 2022 e 2026, disponíveis na íntegra e diretamente relacionadas à formação, à construção da identidade profissional, às experiências de estágio e supervisão e ao processo de constituição do psicólogo. Foram excluídas produções que, embora abordassem a formação em Psicologia, não apresentassem relação direta com a questão central do estudo e com o processo de formação e constituição profissional. Ao final do processo de seleção, seis produções contemporâneas compuseram o corpus da revisão.

A esse corpus foram articuladas sete obras de referência da perspectiva fenomenológico-existencial, selecionadas por sua relevância conceitual para a compreensão da experiência, da alteridade, da liberdade, da responsabilidade e do caráter processual da constituição profissional. Para essas obras de fundamentação não foi estabelecido recorte temporal, uma vez que sua inclusão respondeu à função teórica desempenhada na construção da análise.

A análise foi conduzida por aproximação temática e interpretativa das produções selecionadas, buscando identificar convergências, tensões e contribuições para uma compreensão da formação que ultrapassasse a aquisição de competências técnico-profissionais. A partir da leitura e articulação do material, foram reconhecidos quatro eixos de análise: a construção da identidade profissional; a experiência como dimensão constitutiva da formação; a supervisão, a alteridade e a ética no encontro com o outro; e o caráter permanente do processo de tornar-se psicólogo. Esses eixos, reconhecidos após a seleção do corpus, orientaram a organização e a interpretação dos resultados. A partir deles, buscou-se estabelecer um diálogo entre estudos contemporâneos sobre formação profissional e contribuições fenomenológico-existenciais, tomando como questão articuladora a distinção entre formar-se em Psicologia e tornar-se psicólogo.

Resultados

A análise das produções selecionadas evidenciou, inicialmente, que a identidade profissional não emerge de maneira automática com a conclusão da graduação. Nieswald et al. (2022) indicam que ela começa a ser construída durante a formação e continua sendo reelaborada nos diferentes contextos de atuação. Professores, supervisores, experiências acadêmicas, estágios e relações de trabalho participam desse processo, fazendo com que o pertencimento à profissão seja construído progressivamente. Queiroz (2025) converge com essa compreensão ao mostrar que as vivências de estágio modificam não apenas a percepção sobre a profissão, mas também a percepção do estudante sobre si mesmo enquanto futuro psicólogo.

O segundo eixo reuniu estudos que atribuem à experiência um lugar constitutivo na formação. Barbosa e Evangelista (2023) problematizam a separação entre um momento de aquisição teórica e outro de aplicação prática, mostrando que a aprendizagem clínica se produz no próprio contato com situações concretas. Guimarães, Dutra e Azevedo (2023) aprofundam essa perspectiva ao compreenderem a formação fenomenológico-existencial como cultivo de um modo de ser-no-mundo: aprender a agir fenomenologicamente não se esgota no domínio intelectual de conceitos, pois depende da práxis, das afetações e da abertura ao fenômeno tal como se apresenta.

O terceiro eixo destacou a supervisão como espaço de mediação entre experiência e elaboração. Queiroz (2025) aponta sua contribuição para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e postura ética, teórica e metodológica. Erthal (2004) também atribui à supervisão papel decisivo no treinamento terapêutico, tanto por acompanhar ansiedades e dificuldades do iniciante quanto por resguardar a qualidade do atendimento. Em conjunto, essas produções mostram que viver uma experiência não basta: para que ela se torne formativa, precisa poder ser retomada, interrogada e compreendida.

Por fim, as obras analisadas convergiram para o caráter inconcluso da formação. Erthal (2004) considera que a educação do terapeuta permanece em desenvolvimento ao longo da carreira, enquanto May (2000) oferece uma base existencial para compreender o próprio ser humano como processo. Roso (2024) aproxima essa condição da formação psi ao enfatizar o vir-a-ser profissional. Os resultados, portanto, apontam para uma passagem comum entre os autores: do entendimento da formação como aquisição de conteúdos para a compreensão da formação como processo de constituição profissional.

Discussão

Os resultados permitem sustentar uma distinção que organiza esta reflexão: formar-se em Psicologia e tornar-se psicólogo são processos inseparáveis, mas não equivalentes. Formar-se diz respeito à apropriação de conhecimentos, fundamentos epistemológicos, competências, recursos técnicos e responsabilidades necessárias ao exercício da profissão. Tornar-se psicólogo, por sua vez, refere-se ao modo como esses elementos são apropriados na experiência e passam a compor uma posição profissional diante do outro, do próprio saber e dos limites da prática. A diferença não diminui a importância da formação acadêmica; ao contrário, amplia seu sentido.

A pluralidade da Psicologia torna essa apropriação particularmente complexa. De Luiz e Sousa (2022) assinalam que a diversidade epistemológica constitui o próprio campo psicológico e exige formação integradora. Isso significa que o estudante não recebe uma Psicologia pronta, mas encontra diferentes modos de compreender o humano e precisa aprender a situar-se diante deles. Uma formação consistente não deveria produzir nem adesão dogmática nem ecletismo sem fundamento, mas condições para que o futuro profissional reconheça de onde olha, sustente teoricamente suas escolhas e, ao mesmo tempo, reconheça os limites do próprio olhar.

É justamente no encontro com a prática que esses limites se tornam mais visíveis. O estudante pode conhecer teoricamente determinado fenômeno e ainda assim sentir-se inseguro quando encontra alguém que o vive. A pessoa que comparece diante do psicólogo nunca é a reprodução exata de um caso estudado. Barbosa e Evangelista (2023) mostram que a aprendizagem profissional não pode ser reduzida à aplicação de um saber previamente adquirido; teoria e prática se transformam reciprocamente quando confrontadas com a experiência. Queiroz (2025) evidencia que o estágio expõe o estudante a expectativas, angústias e afetos que passam a integrar sua própria construção profissional.

Essa experiência adquire especial relevância na perspectiva fenomenológico-existencial. Guimarães, Dutra e Azevedo (2023) compreendem a formação como cultivo de um modo de ser, uma vez que a atitude fenomenológica precisa ser vivida e exercitada, não apenas conhecida conceitualmente. Erthal (2013) também privilegia a experiência singular e recusa compreensões que coisifiquem a pessoa por meio de explicações predeterminadas. O estudante precisa, portanto, aprender a utilizar a teoria sem permitir que ela ocupe o lugar do fenômeno. O conhecimento pode orientar a compreensão, mas não deveria antecipar inteiramente quem o outro é.

Essa talvez seja uma das passagens mais delicadas do tornar-se psicólogo: desenvolver uma relação suficientemente rigorosa com o conhecimento para não prescindir dele e suficientemente aberta para não transformá-lo em verdade absoluta sobre outra existência. O não saber, nesse contexto, deixa de significar simplesmente ausência de competência. Quando reconhecido e trabalhado, pode funcionar como abertura para investigação, supervisão e estudo. A insegurança do estudante não precisa ser eliminada pela pressa de parecer pronto; pode ser elaborada como parte de uma postura profissional que reconhece a complexidade humana e os limites de qualquer intervenção.

A supervisão ocupa lugar central nessa elaboração. Mais do que indicar a conduta correta, ela pode ajudar o estudante a retornar à experiência e perguntar o que efetivamente aconteceu no encontro, o que foi percebido, o que permaneceu encoberto, quais pressupostos orientaram sua compreensão e de que maneira ele próprio foi afetado. Queiroz (2025) situa a supervisão como mediadora entre conhecimento e experiência, enquanto Erthal (2004) destaca sua função na aprendizagem das habilidades terapêuticas e na responsabilização pelo cuidado oferecido. Assim, a supervisão transforma-se em espaço no qual fazer e pensar deixam de ser movimentos separados.

Essa elaboração é também ética. Roso (2024) compreende o tornar-se psi como aprendizagem de uma posição de escuta capaz de acolher experiências sem reduzi-las aos próprios julgamentos. Santos (2021) amplia essa questão ao defender que a ética da prática não se resume ao cumprimento formal de normas, mas envolve uma atitude diante da liberdade e da alteridade. Quando o conhecimento psicológico é utilizado como instrumento para determinar antecipadamente quem o outro é, o que deveria desejar ou como deveria viver, o cuidado corre o risco de converter-se em controle.

O problema é particularmente relevante porque o psicólogo ocupa socialmente um lugar de saber sobre o humano. Tornar-se psicólogo exige aprender a habitar esse lugar sem convertê-lo em poder absoluto sobre a experiência alheia. Para Santos (2021), a formação teórica isolada não impede

reducionismos; o profissional precisa interrogar também suas próprias representações e modos de significar o mundo. O autoconhecimento assume, então, uma dimensão ética: reconhecer aquilo que se leva para o encontro amplia a possibilidade de diferenciar a experiência do outro das expectativas daquele que o escuta.

May (1982) permite compreender o encontro como acontecimento no qual algo novo pode emergir. Encontrar o outro implica proximidade sem apagamento das diferenças e participação sem apropriação. Essa formulação oferece uma chave importante para a formação: o psicólogo precisa aprender a ser afetado sem transformar o sofrimento alheio em extensão de si e a manter diferenciação sem recorrer ao distanciamento defensivo. Nesse ponto, técnica, presença e responsabilidade deixam de constituir dimensões separadas.

A formação precisa ainda impedir que a singularidade seja confundida com individualização do sofrimento. Santos (2020; 2021) chama atenção para as condições sociais, históricas e relacionais que atravessam a existência e podem restringir possibilidades concretas de liberdade. Compreender alguém implica considerar sua experiência singular sem retirá-la do mundo em que acontece. Essa perspectiva amplia o tornar-se psicólogo para além da aquisição de habilidades relacionais: exige sensibilidade às condições de vida, aos contextos de opressão e às formas pelas quais o sofrimento também é produzido socialmente.

A identidade profissional, nesse sentido, não deve ser confundida com uma imagem ideal de psicólogo à qual o estudante precisaria corresponder. Nieswald et al. (2022) mostram que essa identidade se constitui em relações concretas e permanece sensível às mudanças de contexto e trajetória. Isso permite compreender que a formação envolve movimentos de identificação e diferenciação: o estudante encontra professores, supervisores e profissionais que se tornam referências, mas precisa transformar essas referências em uma maneira própria de exercer a profissão. Reproduzir um modelo admirado pode ser um momento do percurso; apropriar-se criticamente dele é uma tarefa mais complexa. A singularidade profissional não autoriza relativizar princípios éticos ou rigor técnico, mas impede que a formação seja pensada como fabricação de profissionais idênticos.

A própria noção de competência pode ser revista a partir dessa perspectiva. Uma concepção excessivamente instrumental tende a associá-la à capacidade de aplicar corretamente procedimentos diante de problemas previamente definidos. Contudo, a experiência psicológica frequentemente apresenta situações ambíguas, sofrimentos sem solução imediata e demandas cuja compreensão se modifica no decorrer do encontro. Bicalho e Cunha (2025) ressaltam que a formação precisa responder simultaneamente às regulamentações da profissão, às referências técnicas, às diretrizes curriculares e às necessidades concretas da população. Competência, portanto, não é apenas executar aquilo que se aprendeu, mas discernir o que determinada situação exige, reconhecer quando os próprios recursos são insuficientes e responsabilizar-se pela busca de novas compreensões.

Essa mudança de perspectiva também altera o lugar atribuído ao erro e à dúvida durante a formação. Quando o estudante acredita que tornar-se psicólogo significa demonstrar segurança permanente, pode ocultar incertezas justamente nos momentos em que mais necessita de supervisão. Uma cultura formativa orientada exclusivamente pelo desempenho corre o risco de produzir respostas defensivas: uso rígido da técnica, procura por fórmulas, receio de expor dificuldades e tentativa de antecipar sentidos para diminuir a própria angústia. A supervisão pode operar em direção oposta quando legitima a pergunta sem banalizar a responsabilidade. Reconhecer uma dúvida não equivale a abandonar o rigor; pode ser o primeiro gesto de uma prática que prefere investigar antes de concluir.

Há ainda uma dimensão temporal que merece destaque. O estudante chega à graduação trazendo expectativas sobre o que é ser psicólogo e, ao longo do percurso, essas imagens são confrontadas pela complexidade da profissão. O estágio frequentemente marca uma ruptura entre o psicólogo imaginado e o psicólogo possível: aquele que não controla os efeitos de cada intervenção, não elimina todo sofrimento e não dispõe de uma resposta pronta para cada encontro. Queiroz (2025) mostra que as angústias vividas no estágio participam da construção de si enquanto profissional. Elaborar essa distância entre idealização e experiência parece constituir uma passagem formativa importante, pois permite substituir a fantasia de onipotência por uma responsabilidade mais concreta e sustentada.

Por fim, a ideia de um profissional definitivamente pronto mostra-se incompatível com o conjunto das produções analisadas. Erthal (2004) sustenta que a formação terapêutica não se completa com o treinamento inicial, pois capacidades profissionais amadurecem com estudo, experiência e aprendizagem continuada. May (2000), ao compreender a existência como processo, oferece

sustentação para pensar que o próprio psicólogo permanece em transformação. Guimarães, Dutra e Azevedo (2023) mostram que a formação pode modificar não somente a prática, mas o modo de ser-no-mundo daquele que se forma. A maturidade profissional, nessa direção, não consiste em eliminar dúvidas, mas em construir condições para responder a elas com rigor, reflexão e responsabilidade.

Conclusão

A análise realizada permite compreender que tornar-se psicólogo não corresponde a um acontecimento único nem se encerra com a conclusão da graduação. A formação acadêmica estabelece condições indispensáveis para o exercício profissional, mas sua apropriação ocorre progressivamente nas experiências em que o estudante precisa colocar o conhecimento em relação com a singularidade do outro, com as exigências éticas da prática e com seus próprios limites.

Os estudos examinados indicam que estágio e supervisão constituem espaços privilegiados desse processo porque aproximam teoria e experiência e permitem elaborar inseguranças, afetações e escolhas profissionais. Sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, formar-se implica também cultivar um modo de estar diante do humano: aproximar-se sem reduzir, compreender sem aprisionar e intervir sem transformar conhecimento em domínio sobre a existência alheia.

Tornar-se psicólogo exige, portanto, rigor teórico e metodológico, mas também abertura à alteridade, reflexão sobre a própria prática e disposição para permanecer aprendendo. Se a experiência humana é processual, também a identidade profissional permanece em construção. O diploma marca a conclusão de uma etapa; o tornar-se continua sendo escrito nos encontros, nas perguntas e nas responsabilidades que atravessam toda a trajetória profissional.

Referências

BARBOSA, L. M. P.; EVANGELISTA, P. E. R. A. **Aprender a atender em plantão psicológico: sobre a formação em psicologia clínica**. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.26823/rnufen.v15i1.24055. Acesso em: 11 ago. 2026.

BICALHO, P. P. G.; CUNHA, T. C. **Desafios da formação em Psicologia frente à regulamentação profissional no Brasil**. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 45, n. esp. 1, e297462, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003297462. Acesso em: 11 ago. 2026.

DE LUIZ, G. M.; SOUSA, T. A. B. **Epistemologia e formação do psicólogo: discussões contemporâneas**. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 34, e5859, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/5859. Acesso em: 11 ago. 2026.

ERTHAL, T. C. S. **Psicoterapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. Campinas: Livro Pleno, 2004.

ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da existência: teoria e prática da psicoterapia vivencial**. Curitiba: Appris, 2013.

GUIMARÃES, F. C. L.; DUTRA, E.; AZEVEDO, A. K. S. **A formação do psicólogo clínico fenomenológico-existencial: cultivo de um modo de ser-no-mundo**. **Revista Subjetividades**, v. 23, n. 1, e13080, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e13080. Acesso em: 12 jul. 2026.

MAY, R. **A coragem de criar**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MAY, R. **A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

NIESWALD, L. M. R.; MATTOS, V. B.; HOSTENSKY, E. L.; BOURSCHEID, D. P.; SANTOS, V. H. S. **Construção identitária profissional: sentidos do trabalho para psicólogos**. **Estudos de**

Psicologia (Natal), Natal, v. 27, n. 3, p. 300-310, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.22491/1678-4669.20220028. Acesso em: 12 jul. 2026.

QUEIROZ, É. S. **A construção de si enquanto psicólogo nas vivências em um estágio: um relato de experiência**. 2025. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/47511. Acesso em: 12 jul. 2026.

ROSO, A. (org.). **Afinal, o que é tornar-se psi? Testemunhos de alteridade, escuta e desejos**. 1. ed. Série Psicologia Clínica Social, v. 2. Ed. dos Autores, 2024.

SANTOS, G. A. O. **Terapia Existencial da Libertação: ensaios introdutórios**. [S. l.]: Editora Fi, 2020.

SANTOS, G. A. O. **Terapia Existencial da Libertação: fundamentos da prática**. [S. l.]: Editora Fi, 2021.